

curadoria
Antenor Ferreira
Karina Dias

artes

25 ANOS

imagens em movimento

2019



Universidade de Brasília

MOSTRA DE ÁUDIO-VISUAL
25 anos do PPGAV - UnB
Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB
2019

artes

25 25

imagens em movimento

25 25



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

REITORA
Márcia Abrahão Ribeiro

VICE-REITOR
Enrique Huelva

INSTITUTO DE ARTES/DIREÇÃO
Fátima Aparecida dos Santos

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS/CHEFIA
Rosana Andrea Costa Castro

ARTES 25: IMAGENS EM MOVIMENTO
CURADORIA
Antenor Ferreira Corrêa
Karina Dias

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL
DISTRITO FEDERAL (CCBB-DF)
Elvis Kleber de Arruda Figueiredo
Mirian Tereza Gomes

Design Gráfico
Christus Nóbrega

Todos os direitos reservados
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais
(Lei no. 9.610)
Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Catálogo de exposição
Artes 25: Imagens em Movimento

Editora do PPGAV. Departamento de Artes Visuais.
Instituto de Artes. – Brasília: UnB, 2020

Disponível: <http://ppgav.unb.br/publicações>

ISBN 978-65-86503-03-6

1. Catálogo. 2. Artes Visuais. 3. Áudio-Visual.
4. Exposição. 5. CCBB-DF.

SUMÁRIO

- 07** Imagens que se movem. Imagens que movem
Antenor Ferreira
- 11** Programa de Pós-graduação em Artes Visuais:
25 Anos de pesquisa e produção artística
Emerson Dionísio Gomes de Oliveira
- 15** Maracatú
Luisa Gunther
- 17** Pescar a linha do Horizonte
Nivalda Assunção
- 19** Golpe como Dissolução
Denise Camargo
- 21** Dança das Cadeiras
Bia Medeiros & Corpos Informáticos
- 23** Como medir uma exígua Faixa de terra
Karina Dias
- 25** Fábrica de Núvens
Christus Nóbrega
- 27** Cabaret 2017
Antenor Ferreira & Santiago Echeverry
- 29** Espaciotempo
Suzete Venturelli
- 31** Geometria das águas
Iracema Barbosa
- 33** 21 Terras
Soraia Silva

IMAGENS QUE SE MOVEM, IMAGENS QUE MOVEM

Antenor Ferreira Corrêa

A famosa frase atribuída ao sábio chinês Confúcio: “uma imagem vale mais que mil palavras”, provavelmente teria sido motivada pelo uso dos ideogramas, ou seja, uma forma de comunicação simbólica formada por figuras que expressam muito mais do que palavras, mas também conceitos abstratos e concretos de modo completo e complexo.

O ideograma traz em si uma forma de movimento de tradução, ou seja, traslada o significado de uma ideia ou conceito para um elemento pictográfico. Esse trânsito do significado para o significante está também na essência do ato criativo, pois o artista é ser responsável por transformar uma ideia, conceito ou sentimento em um objeto artístico, objeto este que, misteriosamente, adquire o poder de emocionar aqueles que o observam. Emoção também é movimento. A etimologia é latina: *emovere*, implicando em “mover para fora”. Assim, um estímulo, como a visualização de uma pintura, por exemplo, produz o efeito de externar, de trazer para o exterior, o sentimento causado pelo estímulo.

Modernamente vivemos imersos em um oceano de ideogramas e sonogramas. Todavia, suas designações mudaram para “icon” e “earcons”. Basta observar as imagens na

tela do computador ou do telefone celular para identificar dezenas de “ícons”. Ícones são representações de ideias ou conceitos sintetizados em uma figura. De forma mais precisa, ícone é algo que se “parece com”, conseqüentemente, é aquilo pertencente ao domínio da imagem, que nada mais é do que uma representação artificial assemelhada ao original. É curioso notar que a palavra inglesa “icon” divide-se no prefixo “i” e o sufixo “con”. A pronúncia de “i” é a mesma de “eye” (olho). Assim, um “icon” (ícone) é algo que demanda o olho para ser percebido. Similarmente, um “earcon” é um estímulo acústico que, portanto, necessita de um ouvido (ear) para ser percebido.

A composição áudio-visual atinge ambos os sentidos, audição e visão. A interação do visual com o sonoro amplia possibilidades e produz obras que nos impactam por diversas características, tais como, simbólicas, sensuais, sentimentais, entre outras. Quem não se sensibiliza com uma fotografia de Sebastião Salgado, por exemplo? Trata-se de uma obra realmente emocionante, pois nos conduz muito próximo ao original que a gerou e nos causa empatia com a situação retratada.

Se uma imagem vale mais que mil palavras, quantos discursos podem ser substituídos por uma obra áudio-visual?

Para instigar essa reflexão é que apresentamos a exposição ARTES 25: imagens em movimento. O título dessa mostra faz clara referência ao cinema, tecnologia pioneira que desde de 1890 possibilita causar a ilusão de movimento a partir de imagens fotográficas. No entanto, a facilidade de manipulação, gravação e transmissão trazida pela disponibilização da câmera de vídeo portátil (portapak) desde a década de 1960 abriu caminho para uma pletera de produção de vídeos pelos próprios artistas. Desde finais de 1980, o formato passa do magnético para o digital, tornando ainda mais fácil a produção de e veiculação de obras áudio-visuais. Todavia, seja movimento fotografia, animando desenhos ou registrando em qualquer formato de imagem, o denominador comum é o movimento duplo: a imagem que causa a ilusão de movimento, que por sua vez, produz uma emoção real.

Partindo dessa premissa, a motivação principal para essa exposição áudio-visual foi render homenagem aos artistas que fizeram ou fazem parte da história dos 25 anos do Pro-

grama de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (PPGAV). A exposição foi pensada com intuito de oferecer ao público uma panorâmica da produção artística dos docentes do PPGAV ao longo de sua existência. Justamente por tratar-se de uma panorâmica, a característica principal da exposição Artes 25: Imagens em Movimento é a diversidade de propostas estéticas e técnicas no processamento das imagens. Há uma pluralidade de linguagens que vão desde a fotografia até a visual music, passando por animação, registro de performance e vídeo arte. Não obstante a destacada diversidade dessas propostas, um aspecto presente em todas as obras apresentadas é certamente a provocação. A mostra provoca o público a questionar e refletir sobre conteúdos e formas transmitidos nos trabalhos, bem como sobre recursos tecnológicos que os tornaram possíveis. Esse convite à não passividade frente o objeto artístico exibido é certamente fruto da postura do pesquisador, que entende que a arte desempenha outras funções que estão além da representação.

Foi com grande satisfação que pudemos apresentar ao público uma pequena mostra do que aconteceu ao longo dos 25 anos de vida do PPGAV e, também, provocá-lo com as inquietações intrínsecas aos trabalhos apresentados.

Agradecemos a todo o pessoal do Centro Cultural Banco do Brasil do Distrito Federal que mais uma vez nos recebeu e ofereceu um local privilegiado para a nossa exposição.

Celebramos, assim, as bodas de prata do nosso programa e ansiamos pelos próximos 25 anos vindouros de muita produção intelectual e artística.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUACAO EM ARTES VISUAIS: 25 ANOS DE PESQUISA E PRODUCAO ARTÍSTICA

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

Coordenador do Programa de Pós-graduação Artes Visuais - PPGAV

Um dos fatores mais importantes da arte contemporânea é o risco. Esse risco é inevitável para quem faz, para quem expõe, para quem critica e para qualquer instituição que invista na pesquisa experimental de ponta no campo artístico. Há 25 anos a Universidade de Brasília arriscou. Criou em 1994 um curso de mestrado dedicado à produção artística, inicialmente, consagrado às novas tecnologias. Nos anos posteriores, o Programa de Pós-graduação Artes Visuais da Universidade agregou artistas de diferentes vertentes, teóricos, historiadores, educadores, artistas e pesquisadores das artes cênicas, da música e do design. Duas décadas e meia de riscos, investindo na formação de pesquisadores dedicados às artes visuais e sua relação com outras artes e fazeres. Claro, na universidade os profissionais das artes sempre foram investigadores argutos e dedicados desde 1962, quando nasceu o Instituto Central de Artes. Mas, um programa de pós-graduação avança nos riscos ao dedicar tempo, recursos e sonhos à produção

contemporânea das artes e de outros tempos. De lá para cá contamos: dezenas de pesquisadores seniores colaborando com o programa, a abertura do doutorado em 2008, a formação de mais de quatro centenas de mestres e doutores que multiplicaram exponencialmente o desejo de produzir e compreender a produção artística e cultural do/ em nosso tempo. Quanto mais riscos melhor!

Os desafios ao logo da história do Programa foram inúmeros e continuam a mobilizar artistas, dentro e fora da universidade. Mas, melhor que lembrar deles, é preciso festejar as contribuições para a produção cultural brasileira e brasileira, exposta dentro e fora do país: produções experimentais no campo das práticas plásticas e seus desenvolvimentos em novas circulações visuais, ampliando a compreensão das visualidades hodiernas. Tais processos foram acompanhados de um investimento nas performatividades, na criação cênica e suas novas corporalidades, consolidando este como um tradicional campo de especulação e experimentação no programa. Paralelamente à produção artística, paulatinamente, o PPGAV foi ampliando as investigações sobre os desafios da escrita e os cânones da teórica e da história da arte. Abrindo-se para compreensão de problemas que apontaram para a revisão da história das práticas artísticas na formação das noções de arte que foram se cristalizando por meio da historiografia convencional. No mesmo sentido, nesta década, investiu-se na pesquisa das práticas pedagógicas e das políticas institucionais: próprias e próximas das discussões constituídas em Brasília, tais pesquisas apresentam-se pertinentes graças aos diagnósticos ofertados. Elas operam sobre as práticas de ensino e aprendizagem em arte, com ênfase na adoção de metodologias dedicadas aos direitos de minorias, relações ético-raciais e aos novos trânsitos culturais, em ambientes formais e não-formais de educação.

Ainda, na última década acentuaram-se as investigações no campo das poéticas do espaço e seus territórios. Cada vez mais frequentes no programa, tais produções são fruto de pesquisas alinhadas à transitoriedade, às migrações e aos deslocamentos dentro espaços, geografias e territórios simbólicos e “reais”. Pertinentes por revelar, simultaneamente, uma crise do discurso da mundialização “sem fronteiras” e seus impactos no cotidiano, quanto por apontar novas formas de convivências, tais pesquisas assinalam o

uso das novas tecnologias em consonância com a experiência público-privada do artista em deslocamento. Falando nela, não podemos esquecer da matriz constituinte da criação do PPGAV: a tecnologia. Desde sua criação, um número impressionante de produções artísticas dedicado aos processos tecnológicos híbridos foi concebido, impactando no desenvolvimento das práticas artísticas e culturais em tecnologias contemporâneas, e que nos ajudou a compreender as novas bases das sensibilidades e seus meios na sociedade contemporânea; dentre tantas vertentes, tivemos pesquisas dedicadas às novas “escritas” da linguagem videográfica e sua rápida transformação nos meios digitais e que puderam ser conferidas nesta mostra no Centro Cultural Banco do Brasil em Brasília.

25 anos depois... o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais consolida-se como uma instituição ímpar no Distrito Federal e no país. Ao lado do CCBB, a quem agradecemos pela parceria, e de tantas outras instituições, o Programa compõe um conjunto de organizações dedicadas à formação de pesquisadores profissionais na área de artes visuais, que possam atuar de modo mais integrado em prol de uma formação mais completa de artistas, pesquisadores, educadores e profissionais do campo da arte e do audiovisual.

Assim, o PPGAV é a expressão, é o resultado histórico das mudanças, ao longo dos últimos anos, no cenário artístico nacional e internacional. Ele continua devotado a formar profissionais de alto nível que atuem como pesquisadores, artistas e/ou docentes em artes, com capacidade de elaborar e desenvolver pesquisas que contribuam com abordagens originais para a cultura aqui e além-fronteiras. Profissionais que continuam, felizmente, a correr riscos. Hoje e nos próximos 25 anos. Oxalá!



maracaTU (2010/2012)
Luisa Gunther



Luisa Gunther

maracaTU

Espero as palavras acontecerem. Talvez não seja uma espera por palavras, mas por pensamentos. Talvez não seja uma espera por pensamentos, mas por ações. Talvez, gestos. Sem dúvida, repetições. Olho para o movimento. Aquilo que ocupa o espaço é apenas um deslize das diferentes possibilidades que simultaneamente não são escolhidas. Enquanto isto, estou aqui inserida em um único instante. Meu corpo finge não perceber todas as outras coisas que poderia estar fazendo. O tempo todo este meu corpo é uma mesma alteridade flutuante por entre seus próprios abismos. Ou um acontecimento. Este corpo, que neste exato momento não está dançando alcança o teu corpo. O teu corpo foi imaginado como o de alguém que poderia vir a ler estas palavras. Escrevo estas palavras para o teu TU: um maravilhoso tu que cá está em conjunção. Estas palavras são apenas as minhas. Fossem de outros que também compunham com meu corpo, poderiam ser diferentes ou divergentes.

maracaTU (2010/2012) é um vídeo-dança experimental que deriva das pesquisas de corpo e movimento do projeto “pensar é o que o cérebro está sentindo”. Este projeto em dança foi executado com financiamento do Fundo de Apoio à Cultura (FAC |DF) por Ary Coelho e contou com Aline Contti, Luisa Günther e Raquel Nava como intérpretes-criadores e Márcio Mota como vídeo-sound-maker.



Pescar a Linha do Horizonte (2017)
Nivalda Assunção

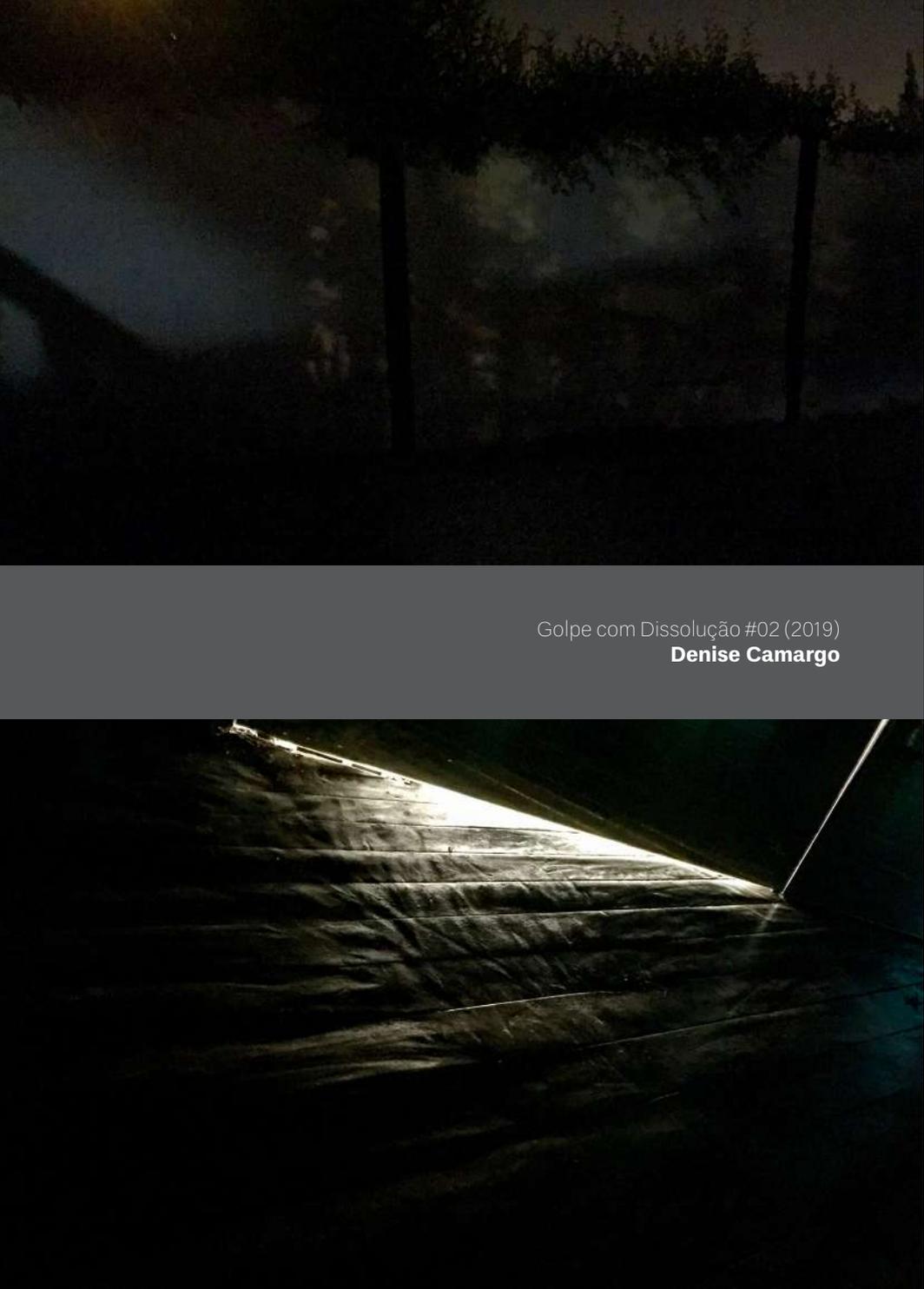


Nivalda Assunção

Pescar a Linha do Horizonte

No Lago Paranoá, a artista arremessa uma boia, inúmeras vezes. O movimento repetitivo registrado em vídeo é uma tentativa de pescar a linha do horizonte. Ao passo que a artista avança no lago, em direção a partes mais profundas, o arremesso da boia vai se tornando mais difícil. A densidade da água complexifica a execução de um gesto que começa simples. Assim, ao longo da ação, o lançar da boia é encurtado pela imersão do corpo na água: o quão mais distante da margem menor é a potência do arremesso. A linha do horizonte é borrada pelo transbordar da água para além do limiar da margem, reconfigurando a paisagem e tornando poeticamente possível o impossível.

O vídeo *Pescar a Linha do Horizonte* se volta para as relações entre o espaço do corpo e o espaço absoluto, ambos demarcados pelo desenho de uma linha. A linha periclitante que sustenta a boia é lançada adiante, e depois adiante, e então mais além, não como um movimento possuído de aleatoriedade e condicionado às limitações do próprio alcance, mas como uma ação plena de possibilidades e de objetivo, de efetivação que ultrapassa a mão, a boia e a linha que a sustenta, que avança para longe, por meio da visão e do desejo.



Denise Camargo

Golpe como Dissolução #02

Golpe com Dissolução #02 (2019)
Denise Camargo

Em 12 de maio de 2016, dia da consolidação do golpe que o Estado democrático de direito sofreu no Brasil, fiz anotações sobre o contato com o horror e o escárnio daqueles dias.

Os escritos foram a matéria-prima de uma série que funcionaria como expediente para aplacar a escuridade dos tempos. Elas buscam a liminaridade, em uma luz que procura frestas, arestas, saídas e dissolvem a representação para forçar uma certa conciliação das características do dispositivo fotográfico, que, via de regra, determinam a “impossibilidade” técnica de fotografar a escuridão.

O trabalho começou na observação de uma tempestade real. No mais profundo breu, as pinceladas de luz revelavam o intervalo em que o clarão das descargas elétricas pintava, rápida e sutilmente, elementos na paisagem, quando alguma luz neles incidia para permitir que, paradoxalmente, a própria escuridão fosse revelada.

Ao se afastar de sua condição mimética, a fotografia adota um modo de ser ficcional. A narrativa visual se assenta nesse princípio quando dissolve a rota do perspectivismo engendrada no sistema fotográfico para promover um apagamento do referente. Esta ação, neste trabalho, faz que as imagens conquistem, propositalmente, uma espécie de planaridade, diante do deslocamento da noção de tempo-espaço. Em contrapartida, elas fazem saltar sensações que se espera tenham impregnado o protagonismo da narrativa.

Ficha Técnica

Fotografia: Denise Camargo
Composição Sonora: Antenor Ferreira
Edição: Giovani Ferreira



Dança das Cadeiras (2017)
Bia Medeiros & Corpos Informáticos



Bia Medeiros & Corpos Informáticos

Dança das Cadeiras

A performance e o charivari, “inauguram [...] um período de anomia que interrompe e, temporariamente, subverte, a ordem social” (AGAMBEN, 2004). Trata-se de um momento onde os jogos estabelecidos são colocados em questão: há desorganização, há silêncio ou gritaria, há paralisia ou agitação, a bunda é mostrada em deboche, o riso estoura e rasga o ritmo frenético do cotidiano anestesiado. Então, podemos aventar, colocar ao vento, que a performance busca o real além da realidade (Lacan), sintoma da vida, o inatingível, o ponto cego que grita na praia sem dizer palavra, isto é, algo longe do oceano da linguagem, tohu-bohu, charivari.

Dança das cadeiras é performance, charivari e fuleragem: nem ficção nem representação. Ela não apresenta, ela apresenta, volui, torna cajá e jaca algo que antes não estava posto. A arte pode ser ficção. A performance, à qual nos referimos, não é ficção: ela joga na cara o real irredutível a representações. Daí resulta a dificuldade de transformar em linguagem aquilo que é gás: puro movimento que não assenta, não se acentua nem pode ser sossegado.

Corpos Informáticos: Bia Medeiros (coordenadora), Adauto Soares, Alla Soub, Amanda Ehrhardt, Ana Reis, Ayla Gresta, Bruno Corte Real (vídeo) Camila Soato, Diego Azambuja, Gustavo Silvamaral, João Stoppa, Kali Ingrid, Maria Eugênia Matricardi, Mateus de Carvalho Costa, Matheus Opa, Natasha de Albuquerque, Rômulo Barros, Tito Franco, Vanderlei Costa (convitado), ZMário Peixoto.



Como Medir uma Exígua Faixa de Terra (2016)
Karina Dias



Karina Dias

Como Medir uma Exígua Faixa de Terra

Para Frédéric Gros¹, quando se anda a pé² só há um desempenho que de fato conta: a intensidade do céu, o viço das paisagens. E nesse vasto espaço, estar do lado de fora é, para o autor, ter a exata sensação de viver naquilo que perdura e insiste, o relevo ao redor. Em pé resistimos, um pé após o outro, fazemos face ao caminho.

Muitos de meus trabalhos em vídeo surgem, então, de uma intensa experimentação na paisagem do local filmado, são fruto de um tempo vivido em extensas geografias e sua realização inclui caminhar, observar e filmar. Em *Como Medir Uma Exígua Faixa De Terra*, a caminhada é cambaleante, é uma tentativa de percorrer essa estreita faixa de terra no vento. Uma terra fronteiriça entre dois países austrais. Afrontar o vento, eis o destino e a destinação. Ar violento que sopra sem cessar e que impede que o meu corpo avance. Corpo-medida que sente o terreno que pisa, o ar que respira e o vento que sopra. Corpo-sismógrafo que registra as alterações provocadas pela topografia percorrida. Corpo que acolhe e resiste ao espaço. Corpo que habita uma paisagem em meio da qual insiste em mover-se... há alguém no vento³.

(1) GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010.

(2) Para um amplo panorama sobre o caminhar como prática estética ver: CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: GG, 2013.

(3) GUILLEVIC, Eugène. *Terraqué*. Paris: Gallimard, 1942, p.71.



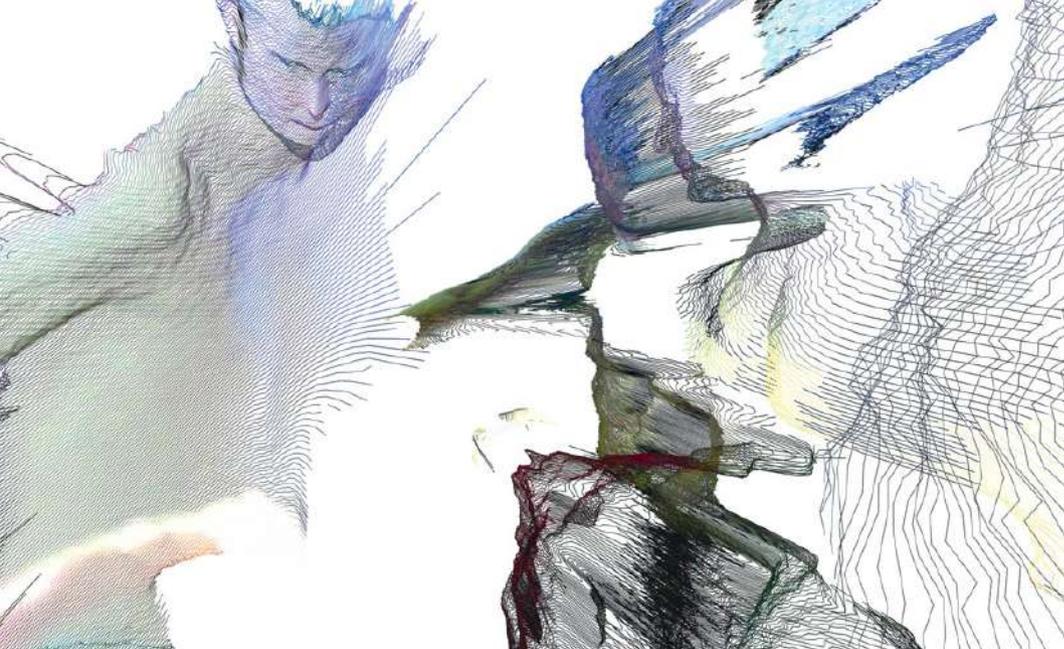
Fábrica de Nuvens (2015)
Christus Nóbrega



Christus Nóbrega

Fábrica de Nuvens

Em novembro de 2015, a poluição do ar na China atingiu novos recordes e cem milhões de pessoas foram afetadas diretamente e orientadas a ficarem em suas residências. Dez cidades decretaram alerta vermelho, já que foram registrados níveis de partículas tóxicas até 30 vezes maiores do que o máximo tolerado pelo humano, conforme recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). A fuligem no ar criava uma atmosfera densa que impossibilitava ver além de 1 metro de distância. Presenciei essa poluição enquanto fazia residência artística em Pequim, na Central Academy of Fine Arts, a convite do Itamaraty. Em Fábrica de Nuvens fotografei durante os dois meses que morei na China a chaminé de uma indústria que liberava fuligem, noite e dia, a poucos metros da janela de meu apartamento. Apaguei digitalmente a chaminé das fotos, restando nas imagens apenas a fumaça que por sua densidade confundem-se com nuvens.



Cabaret (2017)
Antenor Ferreira & Santiago Echeverry



Antenor Ferreira & Santiago Echeverry

Cabaret

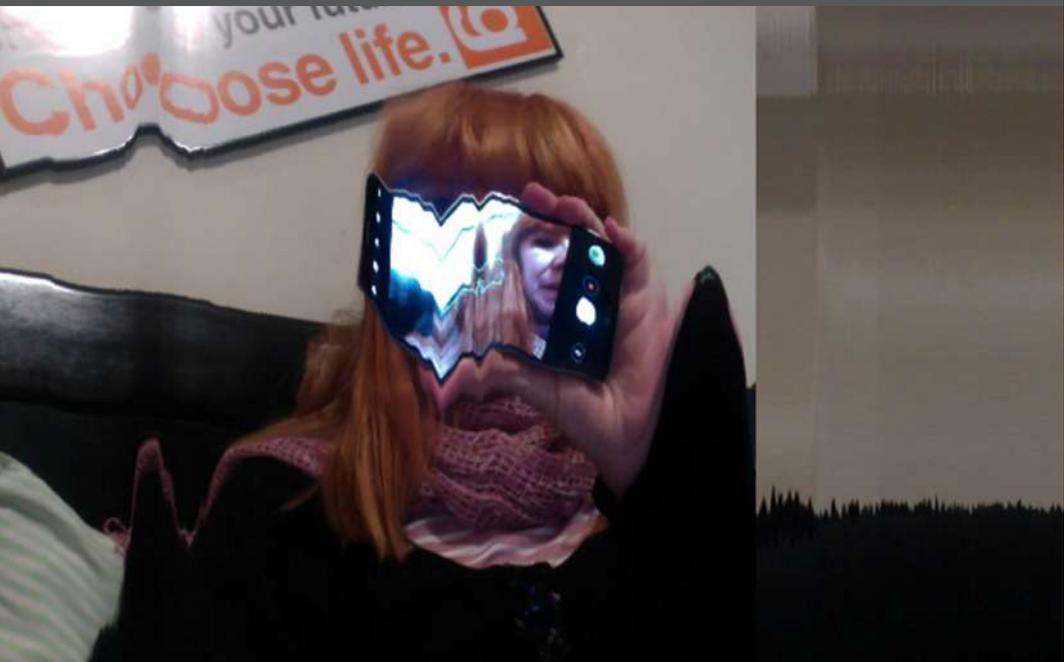
O Cabaré é considerado a manifestação cultural contemporânea das minorias sexuais, principalmente aquelas que sofrem circunstâncias políticas e econômicas opressivas e desfavoráveis. O Cabaré abrange performances espirituosas, cômicas, ultrajantes e exuberantes, nudez parcial, travestis e mensagens altamente politizadas, refletindo o espírito de seu tempo, em uma verdadeira forma vanguardista de auto-expressão. A noção de Cabaret tornou-se popular com a peça de mesmo nome da Broadway de 1966, inspirada nos escritos de Christopher Isherwood dos anos 30, nos quais o autor documentou a cena underground em Berlim antes de Hitler subir ao poder.

Cabaret 2017 exhibe uma série de retratos, vídeos e performances tridimensionais gravadas (e digitalmente processadas) da comunidade LGBT de Wilton Manors em Fort Lauderdale, Flórida (EUA). Drag queens, gogo dancers, bartenders, artistas, DJs, nudistas, atletas e alguns frequentadores regulares fazem parte de um grupo de heróis desconhecidos que apreciam sua liberdade como americanos e imigrantes nos EUA, comemorando sua própria individualidade.

Os quadros estáticos que compõem os vídeos foram capturados com o sensor Kinect usando o Processing 3.0, compilados no After Effects, para uma edição final no Premiere, a fim de controlar a velocidade e as camadas. Não há filtros de pós-produção para gerar os visuais, apenas o luma keying e as técnicas de edição tradicionais. O Photoshop é usado apenas para aprimoramento de cores, corte e redimensionamento. A música foi criada a partir de sons transformados de copos, garrafas e piano usando o Max MSP. Alguns sons foram retirados da biblioteca de timbres do Logic Pro.



Espaciotempo - Generativo Espaciotemporal de Eventos (2019)
Suzete venturelli



Suzete Venturelli

Espaciotempo - Generativo Espaciotemporal de Evento

A abordagem generativa amplia a objetividade do código para a subjetividade de uma poética. Pretende-se chegar a um lugar comum onde duas ou mais perspectivas se encontram, onde duas ou mais interpretações do mundo encontram-se num espaço comum. Nas abordagens generativas, essa visão intersubjetiva comum é uma mistura harmoniosa de múltiplos e diferentes pontos de vista. A existência e consciência de múltiplas linhas que se deslocam e que se juntam num contraponto generativo espaciotemporal de evento. A proposta poética vai além da máquina e examina três processos orgânicos que apreendemos do mundo natural: emergência, autonomia e fractais. Entretanto, nessa abordagem experimental codificada, explora-se como simular esses fenômenos por meio de códigos, cujos métodos computacionais, envolvem a programação orientada a objetos, que é necessária para esses experimentos. Não há maneira certa ou errada nesse processo criativo. Não há regras, embora a metodologia envolva códigos. Esse tipo de experimento artístico é sobre o orgânico, o emergente, o impreciso e o inesperado. Para explorá-los transita-se em um mundo de lógica e mecânica precisa. Convive-se com a paradoxalidade, que torna a abordagem orgânica, livre de restrições num fluxo natural. Os códigos de programação, neste vídeo computacional, não representam apenas estrutura e eficiência; também representam a liberdade de pensamento.



Geometria das Água (2009)
Iracema barbosa



Iracema Barbosa

Geometria das Águas

Já há muito tempo venho trabalhando com materiais ancestrais da arte: papel, nanquin, madeira, pedra, fios e tecidos. Venho costurando materiais concretos e presentes no nosso cotidiano, com seus pesos, cores, densidades e texturas. A vídeo-instalação apareceu na minha prática para resolver uma simples questão de suporte, de modo a tornar visível cada detalhe dos gestos e dos materiais envolvidos.

Uma das coisas que me fascina, já há mais de 30 anos, é o universo da pintura, é a capacidade que esta tem de nos colocar no meio das coisas e, simultaneamente, possibilitar uma apreensão ampla dos acontecimentos. Como experimentamos em nosso próprio corpo, a pintura pode, ao mesmo tempo, ter a consistência de um organismo e ser superficial como a pele que o envolve. Ambos são vitais.

O conjunto de vídeos que venho realizando a partir de desenhos, tal como Geometria das Águas, 2000-2009, possibilita, a meu ver, que nosso corpo, através da conjunção dos sentidos, ganhe muitos olhos - através da evidência dos detalhes, da sucessão e sobreposição dos desenhos - de modo a nos dar uma percepção do espaço e do tempo, sem que a gente perca o frescor das sensações táteis e sensoriais do nosso estar no mundo.



21 Terras/O Nascimento (2012)
Soraia Maria Silva



Soraia Maria Silva

21 terras/O Nascimento

Primeira parte de uma trilogia de vídeodança a qual apresenta imagens da plotagem de pinturas em pigmento mineral “in natura”, realizadas por Soraia Siva, manipuladas por dançarinos e skatistas no espaço externo do conjunto arquitetônico do Museu Nacional em Brasília. Neste trabalho dansintermediamos a alquimia entre Eros e Tânatos, os dois poderes miticamente polares nos processos criativos, trazendo a experiência para uma comunhão de estéticas urbanas, no encontro das linhas arquitetônicas com o corpo movente. Nesses universos pictóricos a terra fértil da imagem/ação em gestos de dança, música, vídeo e pintura gesta, despretensiosamente, o sentimento oceânico, ou da eternidade impresso em nossos sentimentos. O embate entre matéria e antimatéria no registro do instante dançado, as pulsões e os desejos de Eros e seu servo Tânatos, em parceria ou oposição e seus desdobramentos cênicos. Eis O Nascimento da viagem 21 Terras em orbitações artísticas.

Ficha Técnica

Direção Geral, vídeodança, performance e pinturas: Soraia Silva

Assistente de Direção: Laura Virgínia

Bailarinos e Skatistas no Vídeo Dança: Soraia Silva, Alexandre Nas, César Lignelli, Magno Assis, Antonio Cândido, Thales de Oliveira, Junior Pereira, Moacyr Neto, Felipe Mendes da Silva, Welton Martins Macedo, Vitor Teles, Wíbson Bezerra, Roni César Santos, Fábio Luiz da Silva Carvalho, Rodrigo Nobre.

Música: Glauco Maciel

Edição: Marcio de Holanda Viana

Fotografia: Larissa Lima

artes
2525
imagens em movimento
5252

 Universidade de Brasília

ISBN 978-65-86503-03-6